

PANDEMIA E A NOVA (?) ESTRUTURA DE SENTIMENTO: UMA REFLEXÃO BASEADA EM KIM STANLEY ROBINSON E RAYMOND WILLIAMS

*Pandemic and the new (?) structure of feeling:
A reflection based on Kim Stanley Robinson and Raymond Williams*

Fabiana de Lacerda VILAÇO

Universidade de São Paulo e Instituto Federal de São Paulo

fabianavilaco@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-2686-7441>

RESUMO: Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla e procura compreender avaliações críticas da produção artística e dos movimentos mais amplos da sociedade diante da catástrofe representada pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Com esse intuito, reflete sobre a figuração da catástrofe e das estratégias que a humanidade tem forjado (desejado e executado) para lidar com ela na arte e na crítica. O recorte aqui privilegiado foca na pandemia que se alastrou pelo mundo no início de 2020 e seus impactos na reflexão crítica de Kim Stanley Robinson, escritor estadunidense de ficção científica cujos comentários sobre a pandemia são analisados. O suporte teórico da discussão apoia-se no conceito de estrutura de sentimento, de Raymond Williams, bem como em sua discussão acerca da ficção científica, e também tira consequências da perspectiva da epistemologia indígena de Ailton Krenak e de uma análise de dados do próprio gerenciamento da pandemia pelo mundo (tais como a quantidade de vacinas aplicadas em diferentes países). Este estudo considera que a ficção científica proporciona um espaço privilegiado para a elaboração dos medos e das esperanças da humanidade diante da catástrofe, com grande potencial de produção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Crítica; Ficção científica; Estrutura de sentimento.

ABSTRACT: This paper is part of a broader research and seeks to understand critical assessments of artistic production and broader societal movements in the face of the catastrophe represented by the new coronavirus (COVID-19) pandemic. To that end, this essay reflects on the figuration of catastrophe and the strategies that humanity has forged (desired and executed) to deal with it in art and in criticism. The focus is on the pandemic that spread across the world in early 2020 and its impacts on the critical reflection by Kim Stanley Robinson, an American science fiction writer whose comments on the pandemic are analyzed

here. The theoretical support of the discussion is based on the concept of structure of feeling, by Raymond Williams, as well as on his discussion of science fiction, drawing consequences from the perspective of Ailton Krenak's indigenous epistemology as well, including data analysis from pandemic management around the world (such as the number of vaccines applied in different countries). This study considers that science fiction provides a privileged space for the elaboration of humanity's fears and hopes in the face of catastrophe, with great potential for the production of knowledge.

KEYWORDS: Pandemic; Criticism; Science fiction; Structure of feeling.

Este estudo busca entender os modos como a pandemia do novo coronavírus impactou a sensibilidade e a imaginação das pessoas. Ele é fruto de reflexões apresentadas por mim e por alguns colegas no painel: Utopia, distopia e pandemia, parte do evento digital Minuto 2: Movências Interdisciplinares da Utopia, no final de 2021.¹ De repente, nos encontramos vivendo um enredo que parecia ter sido roteirizado para uma série ou um filme de ficção científica, em que estávamos correndo o risco de morrer por uma doença ainda desconhecida, sem sequer a expectativa real de chegarmos vivos e vivas ao dia em que surgissem um tratamento e uma vacina seguros. A tragédia que a pandemia do novo coronavírus significou até o momento tem sido largamente divulgada: hoje já são mais de 6,3² milhões de mortos pelo mundo, sendo mais 665 mil só no Brasil³; em dados de hoje, os Estados Unidos, país com mais mortes, já contabiliza mais de um milhão de vidas perdidas para o Covid, e ainda uma média diária próxima de 406 mortes⁴, apesar da ampla disponibilidade de vacinas — os discursos antivacina continuam convencendo muitas pessoas a não se imunizarem.

Muito antes da pandemia do novo coronavírus, a arte já foi espaço para a figuração de medos e esperanças da humanidade diante da catástrofe, ou da possibilidade de catástrofe. O cinema e a literatura, por exemplo, têm oferecido muitas narrativas de eventos de “fim do mundo” já há alguns séculos — imaginando na ficção científica, se não o fim do mundo propriamente, pelo menos o fim de uma antiga ordem e sua substituição por uma outra, por assim dizer, por um “admirável mundo novo”, para citar uma dessas obras literárias de mais ressonância na cultura até hoje. Nas palavras de Raymond Williams,

A projeção de novos paraísos e novos infernos tem sido um lugar comum na ficção científica. Contudo, talvez a maioria deles, uma vez que estão, tantas vezes, literalmente fora desse mundo, são funções de uma alteração fundamental: não apenas a intervenção de uma circunstância alterada que, no tipo do mundo externamente modificado, é uma modalidade menor da utópica, mas uma remodelação básica das condições de vida física e, conseqüentemente, de suas formas de vida (WILLIAMS, 2011, p. 285).

1 É possível acessar este painel por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=TyNxZbSsRqY>

2 Fonte: Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://covid19.who.int/?mapFilter=vaccinations>. Acessado em 10/06/2022.

3 Fonte: <https://covid.saude.gov.br/>, acessado em 20/05/2022.

4 Fonte: <https://www.nytimes.com/interactive/2021/us/covid-cases.html>, acessado em 20/05/2022.

Considerando a história recente da literatura e do cinema, há uma abundância de narrativas que giram em torno de figurações de grandes catástrofes e perigos, mobilizando medos primitivos da espécie humana e atualizando-os em termos que os tornam verossímeis e tão assustadores quanto mais palpáveis forem. Nesse esforço, os eventos causadores de tais catástrofes variam de cataclismas climáticos e impactos com corpos celestes gigantes à invasão de seres extraterrestres e desenvolvimentos indesejados da inteligência artificial. Fazendo uma breve retomada só de lembrança, me vieram à mente os seguintes filmes, quase todos circulados entre o cinema *blockbuster* e o *mainstream*: *O Exterminador do Futuro* (e todas as suas sequências: 1984, 1991, 2003, 2009, 2015 e 2019), *Contágio* (2011), *Filhos da Esperança* (2006), *Melancolia* (2011), *Armageddon* (1998), *Independence Day* (1996), *O dia depois de amanhã* (2004), *2012* (2009), *Impacto Profundo* (1998), *Wall-E* (2008), *Eu sou a lenda* (2007), *Guerra Mundial Z* (2013), *A estrada* (2009), *Birdbox* (2018). Pensando mais recentemente, podemos citar ainda, de maneira ilustrativa, os filmes: *Moonfall: Ameaça Lunar* (*Moonfall*, 2022), *Não olhe para cima* (*Don't look up*, 2021), *Céu em Chamas* (*Tiānhuǒ*, 2019), *Mar do Norte* (*Nordsjøen*, 2021), *Destruição Total: o último refúgio* (*Greenland*, 2020), *Ameaça Profunda* (*Underwater*, 2020) e *No Olho do Furacão* (*The Hurricane Heist*, 2018); e os livros: *Os seis finalistas*, de Alexandra Monir (2018), *Devoradores de Estrelas*, de Andy Weir (2021), *Aqui. Neste lugar.*, de Maria José Silveira (2022) e a trilogia *Comando Sul* de Jeff Vandermeer (2014-2016)⁵.

Algo curioso sobre tais filmes e livros é que todos apresentam uma visão catastrófica na qual as mazelas da humanidade coincidem com ou com o fim do mundo ou com sua degradação extrema. Em outras palavras, o que em geral está em jogo é a possibilidade de sobrevivência da espécie humana, e não necessariamente a continuidade ou não de existência do planeta. Sequer o fim das diferentes formas de vida que o habitam estão previstas em alguns deles. A Skynet do *Exterminador do Futuro* de James Cameron não parece ameaçar sobremaneira a resistência das baratas e dos ratos, por exemplo. Nessa perspectiva antropocêntrica, incapaz sequer de uma visão um pouco mais periférica, não se vislumbra o fato de que talvez esses seres (considerados “inferiores”) sobrevivam e consigam perpetuar a existência da vida no planeta, ou no que sobrou dele. São poucos os filmes que realmente preveem o fim do planeta em si, tal como *Melancolia*.

5 No caso dos filmes, os títulos originais e a data de lançamento foram indicados entre parênteses. No caso dos livros, preferimos nos ater a livros de ficção, e as datas indicadas se referem tanto à publicação original quando nacional ou à data de publicação no Brasil.

Um lembrete importante para uma reflexão sobre esse medo da humanidade e uma compreensão mais ampla do mundo e da natureza vem da epistemologia indígena. Ailton Krenak, isolado na aldeia de seu povo durante a pandemia, escreveu em “O amanhã não está à venda”:

Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise (KRENAK, 2020, p. 81).

Assim, embora pareça triste fazer a leitura dessa perspectiva, é fundamental compreender que o que está em jogo no caso da pandemia de Covid-19 não é a continuidade do planeta, nem sequer da vida sobre ele, mas o desenvolvimento dessa espécie tão vulnerável quanto autodestrutiva chamada *homo sapiens*. De todo modo, a produção de tantas obras sobre catástrofes e o fim do mundo mostra que este é um assunto que mobiliza as energias e o interesse, os quais engajam a imaginação. É justamente sobre esse tipo de engajamento da imaginação em torno da possibilidade da catástrofe que este estudo se debruça.

A catástrofe representada pela pandemia de Covid-19, que tem sido tanto humanitária, econômica, sanitária quanto política e ideológica, tem tido impacto direto no horizonte de figuração, no inconsciente político e coletivo, com consequências para as artes e para os sistemas de representação simbólica criados pelas linguagens humanas. Uma pista interessante foi revelada em declarações de Kim Stanley Robinson, importante escritor de ficção científica estadunidense que publicou um livro em outubro de 2020, *The Ministry for the Future*, e publicou uma série de reflexões sobre a recepção de seu livro e sobre a pandemia ao longo dos anos de 2020 e 2021. Assim, a seguir serão apresentadas algumas ideias do autor e, a partir delas, será feita uma reflexão sobre a possibilidade de configuração de uma nova imaginação dentro do novo contexto, ou, nas palavras de Raymond Williams, de uma nova estrutura de sentimento.

Para as pessoas que não estão familiarizadas, trata-se de um conceito ao qual o pensador lança mão em momentos distintos de sua obra. Ele era empregado, em geral, para indicar sentidos na literatura em sua articulação de alternativas para as visões dominantes de mundo, e, conseqüentemente, para dar materialidade ou figuração para políticas da mudança social. Ainda, podemos enxergar o conceito como a diversidade de modos como pessoas e grupos, num dado contexto histórico, articulam suas experiências em resposta a uma situação passada. A ideia de estrutura remonta ao marxismo tradicional de meados do século XX, e do próprio estruturalismo, enquanto processo epistemológico, mas se afasta deles,

ao imputar um dinamismo e uma complexidade ao seu objeto, retratando redes de relações complexas que derivam das dinâmicas reais da vida social. A hipótese cultural das *estruturas de sentimento* vem sendo, no Brasil, bastante referenciada em pesquisas sobre manifestações artísticas diversas, conforme nos aponta Diniz (2020).

No artigo “The Coronavirus is rewriting our imaginations”, publicado na revista *New Yorker* em maio de 2020, Kim Stanley Robinson parte justamente do conceito de estrutura de sentimento de Williams para pensar os impactos da pandemia nas sensibilidades e na imaginação. O parágrafo em que ele conta como foi a chegada da pandemia, de seu ponto de vista, é escrito de forma que se afasta do tradicional discurso jornalístico e nos lembra de uma narrativa, pela organização sintática e escolha de palavras:

Em meados de março, em uma era anterior, passei uma semana fazendo *rafting* no Grand Canyon. Quando parti para a viagem, os Estados Unidos ainda estavam começando a lidar com a realidade da pandemia de coronavírus. A Itália estava sofrendo; a N.B.A. acabava de suspender sua temporada; havia relatos de que Tom Hanks estava doente. Quando voltei, em 19 de março, o mundo estava diferente. Passei minha vida escrevendo romances de ficção científica que tentam transmitir um pouco da estranheza do futuro. Mas eu ainda estava chocado com o quanto havia mudado, e com que rapidez⁶ (ROBINSON, 2020, não paginado).

Diante disso, continua Robinson, uma nova imaginação vem surgindo:

Mas a mudança que me surpreendeu parecia mais abstrata e interna. Foi uma mudança na maneira como estávamos vendo as coisas, e ainda está em andamento. O vírus está reescrevendo nossa imaginação. O que parecia impossível tornou-se possível de ser pensado. Estamos tendo uma noção diferente do nosso lugar na história. Sabemos que estamos entrando em um novo mundo, uma nova era. Parece que estamos aprendendo nosso caminho para uma nova estrutura de sentimento.⁷ (ROBINSON, 2020, n.p.).

6 As traduções apresentadas em notas de rodapé são todas de nossa própria autoria. No original: “In mid-March, in a prior age, I spent a week rafting down the Grand Canyon. When I left for the trip, the United States was still beginning to grapple with the reality of the coronavirus pandemic. Italy was suffering; the N.B.A. had just suspended its season; Tom Hanks had been reported ill. When I hiked back up, on March 19th, it was into a different world. I’ve spent my life writing science-fiction novels that try to convey some of the strangeness of the future. But I was still shocked by how much had changed, and how quickly”.

7 No original: “But the change that struck me seemed more abstract and internal. It was a change in the way we were looking at things, and it is still ongoing. The virus is rewriting our imaginations. What felt impossible has become thinkable. We’re getting a different sense of our place in history. We know we’re entering a new world, a new era. We seem to be learning our way into a new structure of feeling”.

Para o autor, essa transformação da imaginação tem consequências marcantes: tanto ao criar condições de possibilidade de pensamento quanto ao modificar nossa percepção para que nos enxerguemos como parte da história, e que ela nos apresenta um ponto de inflexão, que ele chama tanto de novo mundo quanto de nova era. Portanto, ele acredita na ascensão de uma nova, e potencialmente melhor, estrutura de sentimento, de forma que alguns comportamentos pré-pandemia lhe parecem meros resquícios residuais da estrutura de sentimento anterior:

Sabemos que nossa alteração accidental da atmosfera está nos levando a um evento de extinção em massa e que precisamos nos mexer rapidamente para evitá-lo. Mas não agimos com base no que sabemos. Não queremos mudar nossos hábitos. Esse saber-mas-não-agir é parte da velha estrutura do sentimento.⁸ (ROBINSON, 2020, n.p.).

Diante disso, Robinson expressa grande esperança: “Estamos aprendendo a confiar em nossa ciência como sociedade. Essa é outra parte da nova estrutura de sentimento”⁹ (ROBINSON, 2020, n.p.). Os trechos citados a seguir expõem o que o autor considera evidências da nova estrutura de sentimento, bem como movimentos no sentido de um mundo novo e transformado pela pandemia:

Mas a ficção científica é o realismo do nosso tempo. A sensação de que agora estamos todos presos em um romance de ficção científica que estamos escrevendo juntos – esse é outro sinal da estrutura emergente do sentimento. [...] Essa propagação radical de possibilidades, boas a más, que cria uma desorientação tão profunda; essa consciência provisória do próximo estágio emergente — esses também são sentimentos novos em nosso tempo. Essa mistura de pavor, apreensão e normalidade é a sensação de peste à solta. Pode ser parte de nossa nova estrutura de sentimento também. Saber que podemos agir em conjunto quando necessário é outra coisa que nos mudará. [...] É um sentimento novo, essa alienação e solidariedade ao mesmo tempo. É a realidade do social; é ver a existência tangível de uma sociedade de estranhos, todos os quais dependem uns dos outros para sobreviver. É como se a realidade da cidadania tivesse nos dado um tapa na cara. [...] A estrutura neoliberal do sentimento vacila. O que pode incluir uma resposta pós-capitalista a esta crise? Talvez aluguel e alívio da dívida; auxílio-desemprego para todos os demitidos; contratação governamental para rastreamento de contatos e fabricação de equipamentos de saúde necessários; as forças armadas do mundo costumavam

8 No original: “We know that our accidental alteration of the atmosphere is leading us into a mass-extinction event, and that we need to move fast to dodge it. But we don’t act on what we know. We don’t want to change our habits. This knowing-but-not-acting is part of the old structure of feeling.”

9 We’re learning to trust our science as a society. That’s another part of the new structure of feeling.

apoiar os cuidados de saúde; a rápida construção de hospitais. [...] Valorizar as coisas certas e querer continuar valorizando-as – talvez isso também faça parte de nossa nova estrutura de sentimento. Como é saber quanto trabalho há a ser feito.¹⁰ (ROBINSON, 2020, n.p.).

O texto, como é possível perceber, é bastante otimista: os excertos citados testemunham uma crença do autor de que a humanidade sairia melhor da pandemia. Infelizmente, os fatos têm mostrado que muito dessa nova *estrutura de sentimento*, que possivelmente esteja em formação, mas talvez não no sentido imaginado por Robinson, já dá sinais de não ter força para resistir à ainda poderosa *estrutura de sentimento* do neoliberalismo. Grande evidência disso foi o surgimento da variante ômicron, que conta com mais de 50 mutações genéticas e que pode ser resultado, conforme a fala de diversos cientistas, tanto do abuso de antibióticos e de outros medicamentos ineficazes contra o coronavírus, criando micro-organismos cada vez mais resistentes e letais, quanto da má distribuição de vacinas pelo mundo — a qual, nada surpreendentemente, acompanha a má distribuição das riquezas no mundo, ela mesma também parte fundamental da estrutura de sentimento do neoliberalismo. Números absolutamente escandalosos denunciam isso: pouco mais de 1 milhão de doses aplicadas no Sudão do Sul (alcançando 9,34% de doses por 100 habitantes) e menos de 2,7 milhões de doses aplicadas na República Democrática do Congo (atingindo 2,98 doses por 100 habitantes), contra quase 150 milhões aplicadas no Reino Unido (210,9 doses por 100 habitantes)¹¹.

10 No original: “But science fiction is the realism of our time. The sense that we are all now stuck in a science-fiction novel that we’re writing together—that’s another sign of the emerging structure of feeling. [...] This radical spread of possibilities, good to bad, which creates such a profound disorientation; this tentative awareness of the emerging next stage—these are also new feelings in our time. This mixture of dread and apprehension and normality is the sensation of plague on the loose. It could be part of our new structure of feeling, too. Knowing that we can act in concert when necessary is another thing that will change us. [...] It’s a new feeling, this alienation and solidarity at once. It’s the reality of the social; it’s seeing the tangible existence of a society of strangers, all of whom depend on one another to survive. It’s as if the reality of citizenship has smacked us in the face. [...] The neoliberal structure of feeling totters. What might a post-capitalist response to this crisis include? Maybe rent and debt relief; unemployment aid for all those laid off; government hiring for contact tracing and the manufacture of necessary health equipment; the world’s militaries used to support health care; the rapid construction of hospitals. [...] Valuing the right things and wanting to keep on valuing them—maybe that’s also part of our new structure of feeling. As is knowing how much work there is to be done”.

11 Dados da Organização Mundial da Saúde, disponíveis em <<https://covid19.who.int/?mapFilter=vaccinations>>, acessados em 10/06/2022.

O site *Our World in Data*, mantido pela Universidade de Oxford, veicula em destaque que, no dia 10 de julho de 2022: “66,3% da população mundial recebeu pelo menos uma dose da vacina COVID-19. 11,92 bilhões de doses foram administradas globalmente e 4,96 milhões agora são administradas a cada dia. Apenas 17,8% das pessoas em países de baixa renda receberam pelo menos uma dose.”¹². Diante de tais dados, nos questionamos se estamos de fato diante de um momento histórico totalmente novo, caracterizado por uma estrutura de sentimento minimamente disruptiva. Não desejamos, entretanto, negar que a pandemia tenha afetado o mundo todo, provocando mudanças na rotina e no modo de vida de praticamente todas as classes sociais, em graus e naturezas diferentes. Ficou bastante difícil concordar com a negação de que vivemos num mundo interligado, no qual cada parte afeta o todo. Porém, ao se encontrar em um momento de transição, de escolha de novos caminhos, será que a pandemia teria força o suficiente para alterar radicalmente a nossa forma de viver e se organizar social, política e economicamente?

Além do artigo escrito por Kim Stanley Robinson, gostaria de apresentar, de modo a complementar uma compreensão de seu ponto de vista, uma entrevista concedida por ele ao *The Times* em setembro de 2021, em que ele apresenta seu novo livro, *The Ministry for the Future*, lançado em 2020. Nela, o autor traça alguns interessantes paralelos entre o tema de seu livro, que é uma catástrofe climática que mata milhões de pessoas no futuro, e a pandemia de Covid-19, que foi o contexto em que o livro foi lançado — embora tenha sido escrito em 2019, ainda antes do início da pandemia.

“Estamos vivendo agora em um romance de ficção científica que estamos todos co-escrevendo juntos”¹³ (BAKER, ROBINSON, 2021, não paginado)¹⁴, comenta o autor a respeito do contexto em que seu novo romance foi lançado. A recepção de sua obra, lançada em outubro de 2020, foi diretamente impactada pelo novo e

12 Dados do *Our World in Data*, da Universidade Oxford, de 27/11/2021. Disponível em: < https://ourworldindata.org/covid-vaccinations?country=OWID_WRL>, acessado em 29/11/2021. No original: “66.3% of the world population has received at least one dose of a COVID-19 vaccine. 11.92 billion doses have been administered globally, and 4.96 million are now administered each day. Only 17.8% of people in low-income countries have received at least one dose”

13 No original: “We’re now living in a science fiction novel that we’re all co-writing together”

14 Entrevista disponível em: <https://time.com/6086585/kim-stanley-robinson-climate-change-fiction>. Acessado em: 10/06/2022.

catastrófico contexto: segundo ele, as pessoas leram seu livro pensando “sim, isso pode acontecer”, pois, efetivamente, a pandemia estava acontecendo. Com isso, ele considera que sua obra se tornou obsoleta antes mesmo de ser lançada, inclusive no sentido de que os eventos narrados em seu livro, diz ele, podem ter sido ali previstos em um *timing* muito elástico: tudo pode acontecer muito mais rápido agora.

Vemos, assim, que a pandemia e a mudança climática, respectivamente a catástrofe presente e a que (ainda) está em processo de se intensificar no futuro, são vistas por Robinson da perspectiva de seu potencial para impactar nas sensibilidades, em como as pessoas recebem e como lidam com o desafio. No exercício de aproximar ambas as catástrofes, ele comenta que há, contudo, uma diferença fundamental entre elas, a qual tem a ver com o nível de implicação que as pessoas se permitem ter com cada uma delas:

É assim que a mudança climática é diferente da pandemia. Quando a pandemia começou, todo mundo estava pensando “eu poderia morrer com isso”. Nada pode pará-lo a menos que mudemos tudo, e mudamos tudo. Bem, com a mudança climática, você pode pensar bem: “Eu moro no norte”. “Vai acontecer depois que eu morrer.” Você sempre pode adiar e dizer que vai acontecer com outra pessoa. Pode acontecer com todos. Acontecerá. (BAKER, ROBINSON, 2021, n.p.).¹⁵

Apesar de enxergar o grande potencial que o modo de vida contemporâneo tem de criar tais catástrofes — mais até do que isso, apesar de sua capacidade de diagnosticar os limites do capital e a urgência de mudanças para evitar tais catástrofes —, o horizonte de figuração da crítica de Robinson também encontra suas limitações, como podemos ver nos trechos citados a seguir. Eles são reveladores de que aparece no horizonte a possibilidade de se abrir mão de algumas demandas do capital no sentido de promover algo que possa ser melhor para a coletividade; contudo, as saídas que se afiguram, mesmo no discurso de um escritor que formula diagnósticos importantes sobre a realidade, ainda estão dentro do capitalismo, o qual ainda dita as regras mesmo diante da urgência de uma mudança necessária tal como o abandono dos combustíveis fósseis:

Para mim, como esquerdista americano, desacelerar é como um movimento anticapitalista. Podemos aumentar a qualidade de vida, mesmo que isso diminua o lucro. Isso não é privação. [...] As pessoas vão ter que pagar por isso. E você provavelmente precisa compensar os proprietários de combustíveis

15 No original: “This is how climate change is different from the pandemic. When the pandemic began, everybody was thinking “I could die from this.” Nothing can stop it unless we change everything, and we changed everything. Well with climate change, you can think well, “I live in the north.” “It’ll happen after I die.” You can always put it off and say it’ll happen to someone else. It can happen to everyone. It will.”

fósseis, financeiramente, porque eles fazem parte da economia em grande escala, e se eles simplesmente quebrarem, entraremos em depressão. [...] A palavra geoengenharia foi demonizada particularmente à esquerda porque parece ser um cartão de fuga para a indústria de combustíveis fósseis ou parece que estamos tentando ignorar o problema e apenas encontrar nossa saída como MacGyver. Bem, o empoderamento das mulheres é geoengenharia porque diminui a taxa de população e isso impacta a biosfera. Tudo o que é feito em escala é geoengenharia..¹⁶ (BAKER, ROBINSON, 2021, n.p.).

O conceito de geoengenharia, tal como aparece na entrevista, indica uma alternativa para uma solução ambiental do tipo “capitalismo do bem”, em que se rearranjam práticas do modo de produção e, com isso, é alcançado um patamar sustentável e saudável¹⁷. Boaventura de Souza Santos, por exemplo, define um cenário parecido com esse como um novo neokeynesianismo: uma pele capitalista e uma máscara socialista. (SANTOS, 2021, p. 236-ss.) Nesse caso, muda-se algo acessório para garantir a continuidade do fundamental, ou seja, da sociedade capitalista, colonialista e patriarcal. É importante pensarmos de que maneira um modo de produção que demanda a expansão constante e que, por isso, exige o consumo de mais e mais recursos, levando o meio-ambiente à exaustão, tal como o faz o capitalismo, poderia ser transformado apenas superficialmente na direção da garantia de condições mínimas e dignas para a sobrevivência da espécie humana como um todo e do planeta.

Assim, um último exercício interessante proposto neste texto é o de analisar a qual estrutura de sentimento o discurso do próprio Kim Stanley Robinson se alinha. Ao levantar suas hipóteses sobre as possíveis transformações na nossa imaginação diante da pandemia, ele em alguma medida também evidencia, ao contrário do que suas palavras afirmam, que a ideologia neoliberal permanece viva e forte. Isso nos remete à muito citada afirmação anônima, mas geralmente atribuída a Fredric Jameson ou Slavoj Žižek, de que é mais fácil

16 No original: “For me as an American leftist, slowing down is like an anti-capitalist move. We can increase quality of life, even if it decreases profit. That is not privation. [...] People are gonna have to pay for it. And you probably need to compensate the fossil fuel owners, financially, because they’re part of the economy in a big way, and if they just crash, then we go into a depression. [...] The word geoengineering has been demonized particularly on the left because it looks like it’s a getaway card for the fossil fuel industry or it looks like we’re trying to ignore the problem and just MacGyver our way out of it. Well, women’s empowerment is geoengineering because it drops the population rate and that impacts the biosphere. Anything that’s done at scale is geoengineering.”

17 Para compreender um pouco melhor sobre o conceito de geoengenharia, que não está dentro do escopo deste trabalho, principalmente por uma perspectiva de esquerda, indicamos dois livros: *After Geoengineering: Climate Tragedy, Repair, and Restoration* (2019), de Holly Jean Buck, publicado pela Verso Books e *Geoengineering, the Anthropocene and the End of Nature* (2019), de Jeremy Baskin, publicado pela Palgrave Macmillan.

imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo.

Por um lado, é verdade que precisamos admitir que transformações no contexto sócio-histórico não aparecem de forma “sincronizada” com suas correspondentes novas formas simbólicas; a relação entre elas, tomando emprestado um termo usado em outros contextos por diversos pensadores tais como Lenin, Trotsky e outros, segue uma dinâmica de desenvolvimento desigual, ou desigual e combinado. Por isso, o exercício de Robinson, no sentido de sugerir uma possível nova estrutura de sentimento, pode ser na verdade apenas o primeiro dentre tantos outros que precisarão se seguir. Permanece, assim, a relevância da investigação sobre uma possível nova estrutura de sentimento. Isso só pode ser feito por um esforço coletivo e consistente realizado por pesquisadores das mais diversas áreas acerca das diversas manifestações que se fizeram presentes durante e após a pandemia.

Talvez ainda levemos algum tempo para avaliar a dimensão dos impactos reais da pandemia na reescrita de nossa imaginação, e a ficção científica — o realismo do nosso tempo, como diz Robinson — pode ser um espaço privilegiado para isso. Pois, para fecharmos com Raymond Williams, “é parte do poder da ficção científica que ela seja sempre, potencialmente, uma modalidade de mudança autêntica: uma crise de exposição que produz uma crise de possibilidade; uma reformulação, na imaginação, de *todas* as formas e condições” (WILLIAMS, 2011, p. 286).

REFERÊNCIAS

BAKER, Aryn; ROBINSON, Kim Stanley. You Need to Use Hope like a Club to Beat Your Opponent. Kim Stanley Robinson on Climate Change and Fiction. *In: The Times*, 08/09/2021. Disponível em: <https://time.com/6086585/kim-stanley-robinson-climate-change-fiction/>. Acessado em: 13/11/2021.

BASKIN, Jeremy. **Geoengineering, the Anthropocene and the End of Nature**. London: Palgrave Macmillan, 2019.

BUCK, Holly Jean. **After geoengineering: Climate tragedy, repair, and restoration**. New York, London: Verso Books, 2019.

DINIZ, Sheyla Castro. “Esquecer Williams?”: materialismo cultural, estruturas de sentimento e pesquisas sobre música popular no Brasil. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**. Vol. 1, n. 77, pp. 168-183. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i77p168-183>. Acessado em: 27/09/2022.

KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. *In: KRENAK, Ailton. A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 75-92.

ROBINSON, Kim Stanley. “The Coronavirus is rewriting our time”. **New Yorker**, 1 maio 2020. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/annals-of-inquiry/the-coronavirus-and-our-future>. Acessado em: 20/05/2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

WILLIAMS, Raymond. Utopia e ficção científica. *In: WILLIAMS, Raymond. Cultura e Materialismo*. São Paulo: Unesp, 2011, p. 267-290.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Recebido em: 3 ago. 2022

Aceito em: 2 set. 2022